

TEATRO DO OPRIMIDO
FESTIVAL DE CENAS: TEATRO FÓRUM
TEMÁTICA: PROJETO ESCOLA ANTIRRACISTA

Pâmela Yasmin de Amorim Ferrer 1

RESUMO

Este estudo apresenta um projeto pedagógico desenvolvido com turmas de 9º ano, fundamentado na técnica do Teatro Fórum, uma das vertentes do Teatro do Oprimido proposto por Augusto Boal. A partir de debates em sala de aula e reflexões sobre a realidade social dos estudantes, foram criadas quatro cenas abordando a temática Escola Antirracista. O Teatro do Oprimido, enquanto metodologia artístico-pedagógica, promove o desenvolvimento crítico e a participação ativa dos sujeitos por meio da problematização de situações reais de opressão, estimulando a autonomia, o protagonismo e a capacidade de intervenção no cotidiano. O projeto envolveu processos de criação coletiva, investigação temática e encenação itinerante, possibilitando que os estudantes expressassem suas vivências, percepções e inquietações relativas ao racismo em diferentes dimensões, religiosa, recreativa, institucional e intelectual. As cenas produzidas funcionaram como gatilhos para discussão e reflexão, permitindo que o público assumisse o papel de espect-ator e experimentasse alternativas de enfrentamento às opressões representadas. Ao integrar arte, educação antirracista e pedagogia crítica, a experiência se configurou como prática formativa significativa, contribuindo para o fortalecimento da consciência social dos estudantes e para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e democrático. Assim, o projeto não apenas evidenciou as potencialidades do Teatro Fórum como recurso metodológico, mas também demonstrou seu impacto na sensibilização, no diálogo e na transformação das relações escolares.

Palavras-chave: Teatro do Oprimido; Escola Antirracista; Transformação Social.

INTRODUÇÃO

Augusto Boal (1931–2009), diretor, dramaturgo e teórico brasileiro, criou um método de encenação teatral que reúne exercícios, jogos e técnicas voltadas para atores e não atores, denominado Teatro do Oprimido. Trata-se de uma prática artística e política que busca democratizar os meios de produção teatral, ampliar o acesso de grupos historicamente marginalizados e possibilitar a transformação da realidade por meio da ação e do diálogo. Nesse sentido, o teatro se apresenta não apenas como linguagem estética, mas como prática social e instrumento de conscientização.

¹ Licenciatura em teatro pelo Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará-IFCE, prof.pamela91@gmail.com.

A noção de **espect-ator**, central no método de Boal, rompe com a divisão tradicional entre quem atua e quem apenas assiste. Para Boal, todo indivíduo é simultaneamente espectador, porque observa, e ator, porque age, podendo intervir no curso das ações apresentadas em cena. Essa perspectiva promove um deslocamento da passividade para a participação ativa, característica fundamental do Teatro Fórum, modalidade utilizada neste projeto. O espect-ator não se limita a interpretar alternativas: ele vivencia, problematiza e reposiciona-se diante das situações de opressão.

Além disso, o Teatro do Oprimido estabelece uma relação direta com uma educação crítica e transformadora, convergindo com os princípios de Paulo Freire, que concebe o diálogo como base para a emancipação dos sujeitos. Assim, ao ser aplicado no ambiente escolar, o método favorece o desenvolvimento de práticas pedagógicas que valorizam a escuta, a participação democrática e a autonomia intelectual. No contexto da temática Escola Antirracista, o teatro torna-se uma ferramenta que fortalece discussões sobre desigualdade racial, identidades e resistência, permitindo que estudantes se reconheçam como agentes de mudança.

Por fim, a escolha dessa temática no projeto também dialoga com compromissos legais e políticos contemporâneos, como a implementação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas instituições de ensino. A utilização do Teatro Fórum amplia as possibilidades de abordar tais conteúdos de forma crítica e vivencial, contribuindo para que a escola se constitua como espaço de enfrentamento ao racismo, de valorização das diversidades e de construção de práticas pedagógicas mais inclusivas.

METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido com turmas de 9º ano do ensino fundamental e estruturado a partir da técnica do **Teatro Fórum**, uma vertente do Teatro do Oprimido que utiliza a encenação de conflitos sociais com o objetivo de estimular a intervenção do público. Inicialmente, foram promovidos debates em sala de aula sobre racismo estrutural, cotidiano escolar e experiências pessoais dos estudantes. Essas discussões serviram de base para a construção das cenas, permitindo que os jovens identificassem situações de opressão presentes em sua realidade e compartilhassem vivências que muitas vezes não encontram espaço nas práticas pedagógicas tradicionais.

Para aprofundar a compreensão dos estudantes, foram realizadas rodas de leitura, conversas mediadas e análises de materiais audiovisuais que retratam diferentes manifestações do racismo. Essas atividades serviram como suporte conceitual para que os alunos pudessem reconhecer e diferenciar racismo religioso, racismo recreativo, racismo institucional e racismo intelectual. Em seguida, foram propostas atividades de improvisação, jogos teatrais e exercícios corporais para estimular a criação coletiva. Esse processo fortaleceu a expressividade dos estudantes e os preparou para atuar tanto na elaboração das cenas quanto nas intervenções com o público.

A criação das quatro cenas ocorreu de forma colaborativa, em pequenos grupos, e envolveu escrita de roteiros, ensaios e escolha dos espaços da escola que seriam utilizados na apresentação final. A opção por uma apresentação itinerante teve como objetivo integrar diferentes ambientes escolares ao processo artístico, permitindo que cada cena estabelecesse um diálogo simbólico com o local escolhido — como corredores, pátio, quadra e biblioteca. Esse aspecto metodológico contribuiu para ampliar a percepção dos estudantes sobre como o espaço físico também pode carregar significados e reforçar opressões.

Durante as apresentações, o Teatro Fórum foi conduzido por um curinga – papel inspirado na metodologia boaliana – responsável por mediar o diálogo entre os atores e o público. O curinga orientou as intervenções dos espect-atores, garantindo que todas as propostas fossem respeitadas, possíveis de serem representadas e coerentes com a discussão da cena. Ao final de cada apresentação, registraram-se as falas dos estudantes e dos participantes para posterior sistematização e análise. Esse registro foi fundamental para compreender como a intervenção teatral contribuiu para o desenvolvimento crítico dos alunos e para identificar temas recorrentes em suas reflexões.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Teatro do Oprimido, criado por Augusto Boal, constitui-se como uma prática estética e política que rompe com a lógica tradicional do teatro e propõe a participação ativa dos sujeitos na cena e na vida social. Inspirado em Paulo Freire e em princípios de emancipação coletiva, o método coloca a experiência do oprimido no centro do processo artístico, transformando o teatro em espaço de análise crítica, experimentação e conscientização. Boal (1977) afirma que:

III SEMINÁRIO DE EXPERIÊNCIAS EXITOSAS

“O Teatro do Oprimido não é um espetáculo, mas um ensaio para a realidade. Nele, o povo aprende a se observar em ação, a refletir sobre suas práticas e a recriar, na forma de cena, aquilo que a vida lhes tem negado. O palco deixa de ser lugar apenas para atores profissionais e torna-se território de todos aqueles que, oprimidos, desejam transformar a sociedade que os oprime.” (BOAL, 1977, p. 29).

Esse caráter formativo e transformador torna o Teatro Fórum especialmente potente no contexto escolar, sobretudo em projetos que tratam do enfrentamento ao racismo. A escola, enquanto instituição social, ainda reproduz desigualdades historicamente construídas, o que exige práticas educativas comprometidas com a justiça social. De acordo com Paulo Freire, a educação crítica deve partir da realidade concreta dos sujeitos, problematizando opressões estruturais. Para Freire (2019):

“A educação libertadora não pode furtar-se ao debate das condições reais de opressão que vivem os educandos. Toma essas condições como ponto de partida e, por meio do diálogo, possibilita aos sujeitos reconhecer-se como construtores do mundo e, portanto, capazes de transformá-lo. Ensinar exige coragem, criticidade e o compromisso com a denúncia das injustiças.” (FREIRE, 2019, p. 84).

No que se refere ao enfrentamento ao racismo, autores como Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes destacam que o processo educativo deve promover a valorização da identidade negra, a reflexão crítica sobre o racismo estrutural e a construção de práticas pedagógicas antirracistas. Nesse sentido, o Teatro do Oprimido funciona como dispositivo de amplificação das vozes dos estudantes, possibilitando que expressem suas vivências, dores, resistências e potencialidades. Segundo Gomes (2006):

“Falar em educação antirracista é falar em uma prática pedagógica que ultrapassa o mero cumprimento da lei. Trata-se de um compromisso ético que envolve reconhecer as desigualdades raciais, questionar estruturas historicamente excludentes e assumir uma postura ativa, coletiva e contínua de combate ao racismo. A escola torna-se, então, um espaço privilegiado de construção de novas possibilidades de existência para crianças e jovens negros.” (GOMES, 2006, p. 46).

Ao integrar teatro e educação antirracista, cria-se um ambiente onde os estudantes analisam criticamente os mecanismos de opressão racial e propõem alternativas concretas para enfrentá-los. As cenas criadas no projeto aqui apresentado evidenciam que os jovens compreendem e vivenciam o racismo em suas múltiplas dimensões, religiosa, recreativa, institucional e intelectual e que a experiência lúdico-política do Teatro Fórum permite expressar tais vivências de forma segura e criativa.

Além disso, a metodologia de Boal auxilia no desenvolvimento de competências essenciais para a formação cidadã, como argumentação, empatia, resolução de conflitos e participação democrática. Ao experimentar diferentes possibilidades de ação em cena, os estudantes compreendem que a transformação social depende da ação coletiva e da coragem de intervir na realidade.

A literatura especializada reforça que práticas de educação antirracista precisam ser contínuas, dialógicas e fundamentadas nas experiências dos estudantes. Portanto, o Teatro Fórum, ao dialogar diretamente com essas bases, constitui-se como ferramenta pedagógica que contribui de maneira significativa para a construção de uma escola comprometida com a igualdade racial, o respeito à diversidade e a formação de sujeitos críticos e atuantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final das apresentações, realizou-se uma roda de conversa entre os estudantes, professores e demais espectadores. Esse momento de troca permitiu aprofundar a compreensão das opressões encenadas e analisar coletivamente as alternativas sugeridas pelo público durante o Teatro Fórum. Observou-se que a participação ativa dos espectadores ampliou a reflexão crítica sobre o racismo, evidenciando a capacidade dos estudantes de identificar injustiças naturais no cotidiano e propor formas de enfrentamento. Muitos relataram que nunca haviam discutido essas questões com tanta profundidade e que a experiência permitiu novas percepções sobre situações que antes passavam despercebidas.

As cenas também evidenciaram o quanto práticas racistas continuam presentes nas relações escolares. A abordagem policial racista, por exemplo, suscitou discussões importantes sobre perfilamento racial e criminalização da juventude negra, enquanto o racismo recreativo — frequentemente minimizado — foi reconhecido pelos alunos como violência simbólica. Esse reconhecimento é fundamental para desconstruir discursos de normalização e para fortalecer atitudes de resistência. A presença de espectadores não estudantes, como funcionários e familiares, ampliou ainda mais o alcance do debate, demonstrando o potencial do teatro para sensibilizar a comunidade escolar.

Além disso, a participação dos estudantes como criadores, atores e espect-atores possibilitou observar ganhos expressivos em relação à autonomia, autoestima, argumentação e capacidade de articulação. Durante as intervenções no Teatro Fórum, os alunos passaram a negociar ideias, experimentar soluções e avaliar coletivamente a viabilidade de suas propostas. Esse exercício de cidadania encenada evidencia o impacto pedagógico do método na formação de sujeitos críticos e conscientes. Muitos estudantes expressaram que a experiência os ajudou a compreender melhor o que significa, na prática, agir contra o racismo.

III SEMINÁRIO DE EXPERIÊNCIAS EXITOSAS

Por fim, o processo de criação e apresentação reforçou a importância do teatro como dispositivo de investigação social. A arte, nesse contexto, não se limita a representar problemas, mas impulsiona reflexões profundas sobre estruturas de poder e sobre as formas como cada indivíduo contribui para a reprodução ou o enfrentamento das opressões. Os resultados apontam para a potência do Teatro Fórum enquanto ferramenta pedagógica, capaz de gerar engajamento, diálogo e transformação no ambiente escolar.

FOTOS DAS ATIVIDADES**Teatro do Oprimido: Festival de Cenas - Teatro Fórum**



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada no projeto reforça a importância de incentivar o protagonismo social e artístico dos estudantes, reconhecendo-os como agentes capazes de analisar criticamente seu contexto e propor transformações. O trabalho revelou que, quando estimulados por metodologias participativas e dialógicas, os estudantes engajam-se com profundidade nas discussões e tornam-se mais sensíveis às injustiças que permeiam a vida social. A escola, nesse sentido, desempenha papel central ao fornecer ferramentas que permitam aos jovens compreender, problematizar e enfrentar situações de opressão.

Além disso, ficou evidente que o Teatro do Oprimido, especialmente em sua vertente Teatro Fórum, não apenas favorece a reflexão, mas também cria experiências estéticas que mobilizam emoções e memórias, fortalecendo o aprendizado. O ato de entrar em cena para propor alternativas concretas ao racismo amplia a compreensão dos estudantes sobre responsabilidade coletiva e ação política. Assim, o projeto cumpriu sua função social ao articular arte, educação e compromisso ético com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Outro aspecto importante é o fortalecimento da escola como espaço antirracista. A realização do projeto contribuiu para ampliar o debate sobre práticas discriminatórias, incentivar políticas de inclusão e promover ações que valorizem a diversidade cultural. A escuta ativa dos estudantes permitiu identificar demandas urgentes e propor estratégias que podem ser incorporadas ao cotidiano escolar, garantindo a continuidade da reflexão para além do projeto.

Portanto, o Teatro Fórum demonstrou ser um caminho potente para desenvolver competências socioemocionais, consciência crítica e engajamento comunitário. Recomenda-se que práticas como esta sejam incorporadas de forma permanente na educação básica, reforçando a ideia de que o teatro, enquanto linguagem artísticopedagógica, é capaz de transformar percepções, fortalecer identidades e promover a emancipação dos sujeitos. Assim, conclui-se que iniciativas desse tipo são fundamentais para a construção de uma escola verdadeiramente democrática, humana e antirracista.

REFERÊNCIAS

- BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. São Paulo: Cosac Naify; Sesc, 2015.
- BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- GOMES, Nilma Lino. *Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de enfrentamento ao racismo na escola*. Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 32, 2006.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 2008.